

Uma mirada interna: centro e periferia em *Selva trágica*¹



Fábio Luiz de Arruda Herrig²

Resumo: Este artigo tem por finalidade fazer uma análise do texto literário de *Selva trágica*, de Hernani Donato, particularmente das influências culturais que podem ser percebidas na obra, observando como há a imposição de formas de trabalho vindas de um centro, baseado em um capital econômico e, na contramão, há uma resistência dos trabalhadores com relação a essa imposição. Em outros termos, o que se pretende é explorar a relação centro e periferia, dando atenção às estruturas intermediárias que se interpõem nessa relação.

Palavras-chave: *Selva Trágica*; centro; periferia.

Abstract: This article aims to analyze *Selva trágica*, a literary work by Hernani Donato. It focuses on cultural influences that can be perceived in the text. It is noticed the way the imposition of forms of work which come from a center, all of them based on economic capital, and, the opposite, contemplates the resistance of workers concerning that imposition. In other words, the aim is to explore the relationship between center and periphery, giving attention to the intermediate structures that interfere in that relationship.

Keywords: *Selva Trágica*; center; periphery.

Résumé: L'article vise à analyser le texte littéraire *Selva trágica*, Hernani Donato, en termes d'influences culturelles qui peuvent être perçus dans le travail, en notant comment il est l'imposition de formes de travail provenant d'un centre, sur la base d'un capital économique et contre, il ya une résistance des travailleurs en ce qui concerne cette imposition. En d'autres termes, le but est d'explorer la relation entre

1. Recebido em 27 de agosto de 2012. Aprovado em 20 de setembro de 2012.

2. Mestre em Letras pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

centre et périphérie, en accordant une attention aux structures intermédiaires qui font obstacle à cette relation.

Mots-clès: *Selva Trágica*; centre; périphéri.

Meu pai era comerciante. Um homem rigoroso. Quando eu era menino, me levava para caçar com ele. Eu avistava a caça e gritava: Papai! Ele vinha correndo e a caça fugia. Um dia, ele desconfiou que eu gritava de propósito para ele não matar os bichos e nunca mais me levou.

(Trecho de entrevista com Guimarães Rosa).

Este trabalho tem por meta observar como os dois conceitos que se encontram nesse título, centro e periferia, têm relação com o romance *Selva trágica* (1960), de Hernani Donato. Nesse sentido, é que a análise pode ser dita prática. O centro, em *Selva trágica*, pode ser observado como o centro de poder, no caso, aparece pouco na obra, mas corresponde a cidade Rio de Janeiro, São Paulo e Cuiabá, mais principalmente Buenos Aires, de onde as ordens vêm e são mediadas por uma camada incomensuravelmente subalterna a esta primeira, que são identificadas através do administrador, do capataz, do mayordomo e do comiteveiro.³ Todavia, mesmo diante desta incomensurabilidade entre o centro e esta camada intermediária, há outra camada que corresponde à periferia, são os trabalhadores braçais, as mulheres e as crianças. São os marginais, como diz o próprio autor quando fala da obra: “Relato da vida e do trabalho sob o ângulo dos que a suportaram mais rudemente: mineiros, changa-ys, marginais, pequenos funcionários” (Donato 1959:7). Por estar sob este ângulo, dos que suportaram mais rudemente, é que a obra não dá tanta ênfase ao centro, como dito mais acima; porém,

3. O administrador era responsável por toda a organização do local de trabalho (rancho); o capataz cuidava dos trabalhadores, para que cumprissem sua função no processo de produção da erva; o mayordomo era responsável pelas vendas dos produtos que trabalhadores precisavam: charque, arroz, bebida, etc.; os comiteveiros eram os capangas do rancho, mantinham a ordem e caçavam os fugitivos.

mesmo assim este é um ponto que será abordado, já que a obra dá espaço para tanto, ainda que de forma diminuta.

Este artigo será distribuído em três seções. Com relação às duas primeiras, uma é para análise do centro e outra para a do periférico. Essas duas primeiras discussões têm por meta observar como se estruturam essas esferas, mas é importante salientar que há um nível intermediário, ao qual não foi destinada uma seção, pelo fato de que ele dialoga tanto com uma quanto com a outra, de maneira que está diluído em meio às duas primeiras deliberações. Na obra *Selva trágica* essas esferas se apresentam numa relação dialética. Portanto, a divisão é apenas didática. Para dar conta dessa dialética haverá a terceira sessão que se debruçará sobre essa questão.

O centro

Há um núcleo na obra de Donato que se caracteriza por não estar presente de maneira tão acentuada no texto, mas que concomitantemente tem uma dimensão singular por desempenhar o papel de uma espécie de fantasma, que assombra a vida dos trabalhadores. O enredo se desenvolve no rancho Bonança, que está no estado de Mato Grosso, próximo a fronteira com o Paraguai. O centro, lugar do poder, se encontra nas cidades de Buenos Aires, São Paulo, Cuiabá e Rio de Janeiro,⁴ que diante do que a obra permite observar, são os locais que estão distantes.

É possível observar essa distância em duas passagens. A primeira diz: “Quem não sabe destas coisas (da violência e dos conflitos por conta da erva mate) pensa que a erva mate é colhida nos jardins” (Donato 1959:47). Esse trecho aponta para o fato de que as únicas pessoas que têm conhecimento

4. Essas orientações geográficas estão presentes dentro do contexto da obra, mas o Mato Grosso de Selva não é o Mato Grosso histórico, localizado no centro oeste, tão pouco o Rio de Janeiro é o histórico. Há de se levar em consideração que, por mais que a obra literária tenha uma referência, que serve de base, o universo criado por ela abre uma nova dimensão da existência, que tem de ser observada em seu contexto, por mais que posteriormente possa ser observada em sua relação com a transcendência. Neste sentido, o que se quer evidenciar é que a análise será predominantemente imanente.

do que acontece no “país do mate”, são os que vivem e trabalham ali. Quem toma o chá, depois de todo o processo de preparo, não imagina a violência da Companhia nem a aridez do trabalho, não imagina que o que toma no mate é o suor da pobre gente que trabalha.

Em outro trecho encontra-se a seguinte fala:

A Companhia faz também essa [a política local] e faz a grande política, em Cuiabá, em São Paulo, no Rio, em Buenos Aires, sei lá onde mais. Assim, cobre e abafa os gemidos e os gritos da pobre gente nos ervais. No andar em que vamos, nem no fim do século teremos força para emparelhar o nosso passo com o passo da Companhia. *Lá fora é que é preciso gritar.* O governo é que nos pode ajudar se chega a nos ouvir. Mas o governo só ouve ribombo, soluços, não (Donato 1959:115, grifo nosso).

Nesse outro trecho a distância fica clara na parte grifada. Esse “fora”, de que fala Luisão, um ex-ervateiro, que decidiu lutar pela liberdade da classe⁵ em uma esfera política, relaciona-se ao centro: Rio de Janeiro, São Paulo, Cuiabá e Buenos Aires. O poder que a Companhia tem é tão forte que criou uma espécie de universo fechado, onde só o conhece quem está dentro. Esse universo é garantido pelo direito legal, conseguido junto ao Estado para explorar os ervais, o que criou um monopólio. Isso só foi possível por conta de que a Companhia tinha um capital muito alto que tapava os olhos de quem deveria intervir nesse processo de exploração da erva e das pessoas: “Ela engraxa as rodas do carro do governo”⁶ (Donato 1959:46).

5. Aqui não é o lugar para fazer uma discussão sobre esse termo dentro da obra de Donato, mas ela conota a emergência de uma consciência de classe dos ervateiros, que é liderada por Luisão, em níveis políticos, e apoiada pelos changa-ys, que são o símbolo da resistência ao poder da Matte.

6. Os motivos que me levam a falar que essa necessidade de intervenção é uma obrigação do Estado, está relacionado ao processo de exploração. Em primeiro lugar, a Companhia pegava uma mão-de-obra especializada que se endividava antes de ir para o erval, através do conchavo, ou seja, já ia trabalhar devendo para a empresa e jamais conseguiria saldar seu débito; em segundo, a Companhia explorava ervais nativos, o que fica claro quando Pablito, Lucas e Bopi estão na

A Companhia, sendo o centro irradiador de poder, visto que todas as outras esferas de poder estão condicionadas a esta primeira, é tratada na obra de Donato como se por traz dela não houvesse pessoas que dão as ordens, ela é apresentada da mesma maneira que o monstro Macobeba, da obra *Xanunu Tamu*, de José Vilela. Esse monstro chega a uma determinada aldeia e começa a devorar tudo que faz parte da vida dos índios que habitam nela. Segundo as considerações feitas por Hilda Dutra Gomes Magalhães (2000), em *Literatura e Poder em Mato Grosso*, Macobeba é a alegoria do capital estrangeiro no estado de Mato Grosso.

Da mesma maneira acontece com a Companhia, no início ela aparece atrelada à figura de dom Tomás, no ano de 1892, mas depois ela se torna impessoal, não há pessoa que responda por ela, pois é ela quem é o agente, é a ela que são imputadas as responsabilidades:

Disseram ao governo que o grande lucro do Estado e do povo apareceria em estradas, povoados, portos, escolas, vinda de muita gente para este ôco de mundo. Bom, não se vai negar que tudo isso aconteceu mesmo. Se eu disser que quase tudo o que há de progresso neste Sul foi *feito pela Companhia* vocês não hão de berrar que é mentira, hein? [...] – Mas se eu disser que quase todo o mal que campeia por aqui também veio do mesmo rumo, vocês concordam comigo, não concordam? (Donato 1959:115-116).

O que há de bom é atribuído à ação da Companhia no Sul, o que há de mau, de ruim, também. Destarte, é que é interessante observar como ela está apresentada no contexto geral da obra, em uma esfera superior e centralizada, nuclear, irradiadora de poder. Poder-se-ia questionar sobre a proposta de

monteada procurando um novo erval para ser explorado; por terceiro, as terras era arrendadas e não compradas. Observando, portanto, de maneira dialética essa relação, a Companhia explorava uma área arrendada, sem custos com a mão-de-obra, e sem precisar plantar nada, ou seja, o seu trabalho era todo lucro, ainda mais que Selva trágica deixa entrever que o gosto pelo mate era grande, portanto, era um produto com saída. A única obrigação da Companhia com o Estado era abrir algumas estradas, escolas e portos, coisas que eram insignificantes perto do capital de lucro.

Michel Foucault (1979) a respeito da microfísica do poder, de que o poder está diluído em todas as camadas da sociedade. E, de fato, observando a estrutura da obra, nota-se que há esse poder diluído: a mulher não vale nada, se não for para satisfazer a necessidade do homem; o uru, entre os trabalhadores braçais, é o que tem mais autoridade; o administrador manda no rancho, mas frente à Companhia nenhum vale nada. “O escritório central não queria nada com eles (Isaque e Curê⁷), homens do mato: queria sempre mais e melhor erva. Fossem para o diabo!” (Donato 1959:152).

Em contrapartida, analisando por outra via, o que se pode observar é que há uma hierarquia, onde o polo irradiador é a Companhia; o administrador só pode mandar porque está autorizado para fazer isso; e o mineiro só pode mandar na mulher porque ela é a única que está sob o seu poder. Essa estrutura pode ser observada pela seguinte imagem:

Figura 1



Na assertiva abaixo, que reflete sobre o papel da Companhia como agente, é possível dizer que o máximo que aparece são pessoas falando em seu nome, essas pessoas eram portadoras dos mandos, não eram as responsáveis, mas fiscais que traziam as exigências desta:

7. O primeiro era o capataz e o segundo o administrador do rancho.

Andou por aí um portador do escritório central. Veio dizer as asnices do costume. A respeito da quantidade da última remessa. Aquilo de sempre: pouca e ruim. Nunca ficam contentes, nunca. Agora, então, com esses boatos de que no Rio de Janeiro vão acabar com o monopólio, estão bem aborrecidos (Donato 1959:152).

Outra coisa que é interessante observar é que o nível intermediário do círculo – o administrador, o capataz e os comitiveros – começa a sentir o peso de suas ações e o pouco retorno disso, pois eles já estavam tempo demais no erval para continuar a acreditar em algo que pudesse lhes trazer reconhecimento ou algo de bom: “O Casimiro atirou o chapéu no chão, furioso. Bem que gostaria de poupar o rapaz. E dar-lhe um abraço e chamá-lo amigo. Porque homem assim não encontrara muitos nas andanças e malfazenças de comitivero” (Donato 1959:197).

Diante de Pablito, Casimiro revê sua postura, e traça planos para novos horizontes “[...] cansado de trabalhar para a Matte, cansado de fazer maldade para os outros a serviço da empresa, [...] se arrepende de suas maldades” (Herrig 2010:18). Portanto, nota-se que no desenvolvimento da obra os que compõem o nível intermediário começam a se dar conta da distância na qual está a Companhia deles. Em Casimiro isso chega a tal ponto que ele ludibria a Companhia para se tornar um produtor de erva autônomo: “– Pela primeira vez [...] sentiu pena de alguém ao seu mando e assustou-se com a soma das judiações que impusera à sua gente, durante muitos anos, para servir a Companhia” (Donato 1959:225).

Encerrando essa discussão, percebe-se que a Companhia é apresentada como uma espécie de materialidade orgânica que age sobre uma estrutura constituída (o rancho) que está sob seus mandos, e nesse sentido é responsável pelo bem e pelo mal dessas pessoas. No entanto, ser responsável parece não causar grandes danos à Companhia, haja vistas que ela é desprovida de humanidade. Como notado no Casimiro, aos poucos o nível intermediário do círculo vai se dando conta de que fazem as pessoas sofrer. O Curê sabe disso também, mas ele vê um imperativo maior nisso por conta de sua formação:

– De erva mate. Disso é que sou feito. Estou recheado dela. Não sou branco, nem preto, nem bugre. Minha pele é côr de erva cacheada. Maldita erva! O que me dói mais e assusta é que se a erva acabasse eu teria que morrer. Não sirvo pra mais nada! Sei que não sirvo pra mais nada! (Donato 1959:78).

O Problema de não servir para outra coisa está no fato de ter de ser uma pessoa árida com as outras, ou seja, o Curê, sendo condenado a viver com a erva, tem de ser duro e ruim com as pessoas, pois considera que se assim não for não dá conta de administrar o rancho: “[...] nessa vida de erval é preciso ser duro com os homens.” (Donato 1959:77). Em contrapartida, a humanidade grita dentro de si, sabe o que as pessoas que vivem na erva sofrem:

– Pois estou para lhe dizer que a maior bondade do Cristo é entender que a pobre gente do erval é a que mais precisa de uma Semana Santa. Se êle deixa que todos os anos façam a Semana assim como fazem, é porque ainda não se zangou com a pobre gente. Ou então, estará mesmo morto esses dias e não enxerga as doídes em que os homem se metem (Donato 1959:140).

Fica claro que a Companhia, o centro irradiador de poder, é incapaz de sentir piedade, mas que os seus submissos, como o Curê, o Isaque e o Casimiro, são pessoas que sentem o sofrimento de seus próximos. Portanto, nesse sentido de humanidade, nota-se também a imensa distância que separa a Companhia do rancho e sua estrutura. Para o centro todos são periféricos, desde o Curê que é o administrador até as mulheres, que estão no círculo mais distante do centro, porque são as mais insignificantes.

Assim, a distância pode ser notada em termos geográficos, os confins do sul de Mato Grosso em oposição aos grandes centros de São Paulo, Cuiabá, Rio de Janeiro e Buenos Aires. Mas também em termos humanos. A Companhia só quer saber de erva mate em quantias exorbitantes, lucros e poder, os trabalhadores querem viver de bem com sua iguala e a liberdade, só a liberdade; sentem o peso do chicote que desce sobre as costas do próximo, e sentem

isso junto. Essa humanidade é o maior divisor de águas entre Companhia e trabalhadores.

A periferia

Fazendo referência ao círculo colocada logo acima, a periferia pode ser identificada, pensando da margem para o centro, com as três últimas cores: azul, cinza e branco, visto que o amarelo e o marrom são cores que representam o administrador, o comitivero, o capataz, o mayordomo, que nesse trabalho foram identificados com o setor de poder intermediário. Pensando em um nível geográfico, a periferia pode ser identificada com a região sul de Mato Grosso, uma região de costumes estranho e longe do centro, portanto, tocada pelas imprudências da barbárie. Observe-se a comparação feita pelo Curê:

[...] Vivi um tempão nas cidades lá de baixo e lá de cima. Lugares onde os homens vivem como homens, sim senhor! Em paz com sua igualha e de bem com Deus! Mas aqui?! O sujeito põe o pé no erval e já fica só meio homem, que a outra metade é bicho encafuado. Pois lá em baixo, e lá em cima, nas cidades, a Semana Santa é coisa séria. A gente muda o jeito de viver. Quase que só reza! Fecham as casas de jogo, não fazem música nem amor. Choram a morte de Deus, em casa, nas ruas, nas igrejas. Agora, veja você como são as coisas aqui no erval! (Donato 1959:140).

Nessa comparação entre o erval e as cidades, fica nítida a diferença. A partir da concepção do Curê, a cidade é o centro da prudência, do respeito, da privação e da coerência, em contrapartida, o erval é a barbárie, a imprudência, o *locus* da ausência de seriedade. No erval há a falta de humanidade, todos são meio homens e meio bichos. Todavia, há que se levar em consideração as condições de vida das pessoas que trabalhavam com a erva e o fato de que um dos fardos da gente do rancho Bonança é justamente o Curê, Assim, há que tomar cuidado ao pensar em suas concepções. Suas próprias palavras o denunciam: “– [...] nessa vida de erval é preciso ser duro com os homens” (Donato 1959:77).

Selva trágica não explicita de maneira direta como os protagonistas chegam ao erval, a exemplo de Pablito, a Flora, o uru, entre outros. Mas a obra é construída em forma de um círculo, acabando-se a mina na qual se desenvolve a maior parte da obra eles se mudam para outra, onde o objetivo é que os homens sejam mais submissos e mais trabalhadores: “– precisa de gente pra tirar a erva, mas gente mansa ou assustada” (Donato 1959:57). Mas a liberdade, sem ser por meio da fuga, não pode ser alcançada. A partir dessa perspectiva é aceitável considerar que os homens chegaram por meio do conchavo, que era a prática de endividar os homens que se pretendiam pôr no trabalho.

Esse endividamento era feito por meio de um bordel, onde os homens se embebedavam e se relacionavam com prostitutas, por conta de promessas empolgantes a respeito do trabalho com a erva, pouco trabalho e muito dinheiro. Dessa maneira ficavam devendo altas somas ao dono do estabelecimento, que ameaçava chamar a polícia se a dívida não fosse saldada, era quando o homem, que prometera mundos e fundos, se dispunha a pagar.

– Disseram que ia ser um vidaço regalado. O florão do que o mundo tem de bom! No dizer deles, um desbragamento de canha, de mulheres e de dinheiro. E um quase nada de trabalho que para o trabalho é que aconchavam a gente (Donato 1959:135).

Em outro trecho lê-se o seguinte:

Mal e mal pisei o chão do rancho, tiraram a risada e penduraram brabeza na cara. Recolheram tudo o que obrigaram a gente a comprar, faca e revólver, roupa e dinheiro. E foi só trabalho, e cobra, e calor, e suor, e medo! Isso é que era o erval! Um bom pedaço de mato com erva de idade, isso era também (Donato 1959:135).

São essas partes que falam sobre o conchavo que permitem concluir que os trabalhadores chegavam ao erval por meio desses artifícios ludibriosos.

Num outro sentido, nota-se que o ofício com a erva era uma das únicas possibilidades de trabalho que se encontrava na região. Um caso exemplar é o de Bopi. Em seus tempos de força era um trabalhador que integrava o setor intermediário do círculo, mas quando velho, quando já tinha usado tudo o que tinha ganhado, o que lhe restou foi trabalho braçal no erval, como meio de continuar ganhando a vida; do passado apenas lhe restou a experiência, que no início da obra tenta passar ao apaixonado Pablito.

O Bopi sabia dessas coisas o que bastava. Ele mesmo, nos começos da loucura do mate, mandara donos de cunhas bonitas montar nos longes e fora fincar pé diante do rancho, mal o escuro aumentava as distâncias e a solidão da mulher (Donato 1959:16).

Nota-se, então, que os trabalhadores chegavam ao erval por conta da imprudência em sua bebedeira, e por conta de sua paixão pelas mulheres. Isso fica claro no diálogo do Isaque (capataz do rancho Bonança) com o dono do bordel:

– Recebi o recado. Os aconchavadores estão do outro lado da fronteira desde o domingo. De quantos homens precisa? [...] – Dez. se tiverem doze bons, levo os doze. Acha difícil? [...] – Nem tanto pelos homens. O que não tenho é mulheres para empurrar os doze no mundéu. Bebida, fumo e música forneço pra um exército. Mas mulheres... [...] O Isaque não era novato. Sabia como funcionava aquela coisa. Sem mulheres era duro derrubar os recrutas (Donato 1959:176).

A influência das mulheres fica clara em vários momentos da obra, sem elas o erval se torna um campo minado, a qualquer passo errado uma bomba pode explodir. O excesso de trabalho e o lazer diminuto aflorava a rebeldia dos homens. Como artifício para evitar isso, fazia-se o baile. No baile se colhiam as mulheres do erval, que se uniam às quilombeiras, as prostitutas e serviam aos gostos dos homens, absortos na canha e na música. As mulheres eram a

válvula de escape do erval. Mas, se a vida das mulheres era tão trágica quanto a selva na qual eles viviam, porque estavam no erval?

Como sempre, partindo dos caminhos ditados pela obra, ao que parece as mulheres nasciam em meio a erva e cresciam vivenciando a violência e a submissão ou, em outros casos, iam para o erval em companhia dos homens, já que alguns mineiros chegavam casados. Quanto ao primeiro caso, observe-se a passagem que caracteriza muito bem como o erval absorve as mulheres para seu interior através do baile: “– (Isaque) – [...] Dos quinze mineiros, três são casados e trouxeram mulher. O atacador tem duas filhas mas são quase meninas... (Curê) Meninas? E quê?! Ficam promovidas a mulheres para o

Passado esse primeiro momento do baile, o que acontece é que as meninas, que agora já eram mulheres, continuavam fazendo parte do erval, e começavam a entender a roda viva da vida. Flora quer viver com Pablito, Pablito quer viver com a Flora. Mas o destino desses dois está fadado ao fracasso; eles não ficarão juntos. Pablito recebe o beijo da morte e Flora o beijo de Isaque, que a ama e a obriga a viver junto com ele. A escolha da mulher, no erval, não existe, ou ela aceita as vontades do homem por bem, ou terá que dar conta dessas vontades por meio da força.

A insignificância da mulher é tanta, que a dívida na comissaria vale mais que ela. Todos queriam diminuir a dívida, ou quitá-la, o que era impossível. Uma das alternativas para diminuir a dívida era trocar a mulher com outro trabalhador:

Juan acena que sim. Isso, quase de costas para a mulher. Um certo tempo – pouco ou muito – viveu com essa mulher e ela lhe dera o que tinha para dar. Agora ela lhe vale muito mais, vale o cancelamento da dívida que o prende ao erval. Dando a mulher a outro, êle tem a ilusão da liberdade (Donato 1959:118).

Fazendo uma breve retrospectiva dessa periferia, nota-se que é um local de carência e de intensas relações de poder, mediadas e legitimadas pela violência. Essas relações, essa carência toda é fruto da Companhia. Ela é que responde pelos atos de violência, ela que diz que quer mais erva e, mediante

essa pressão, o nível intermediário do círculo tem de dar conta das exigências. Dessa maneira, age e impõe os infortúnios à sofrida gente do erval.

Teyú-ruguay e *mborebi-piré* eram duas formas de castigo aplicadas aos fugitivos, quando estes não eram mortos na captura. Em *Selva trágica* há uma passagem em que Augusto propõe fuga ao seu companheiro Pytã, que nega. Frustrado, propõe fuga a outros dois, que aceitam: um homem já maduro e outro inexperiente, jovem. Augusto faz jus ao nome e é o único que consegue fugir, o homem que o acompanhava é morto: “É pra matar! gritava o Casimiro” (Donato 1959:95).

O rapaz que os acompanhava foi pego e levado para o rancho para sofrer as penas de sua escolha.

No fim da tarde, estando reunida a gente do rancho, amarraram ao poste o moço apanhado na fuga com o Augusto. Estenderam-na diante os chicotes e perguntaram: - Começamos com qual? A escolha é sua. Preferiu morder o lábio e engolir o soluço. Escorregou o olhar aterrado, dos chicotes para os homens aglomerados à sua volta. Como que pedindo ajuda. Ninguém descoseu a bôca. Sentiam pena, mas não eram doidos! [...] Bateram com o *teyú-ruguay* [...] (Donato 1959:119).

Ao algoz e ao mandante, quem menos importava era o fugitivo, a eles interessava o público, por isso escolheram o fim da tarde para o castigo, era o momento que todos estariam presentes. Era importante isso para manter a ordem. De fato, o que imperava dentro do rancho era o temor de ir contra as ordens vomitadas sobre os mais fracos. Portanto, a tortura do rapaz era mais uma exibição de poder, um caso de exemplo, um “não façam isso, pois serão punidos”.

Essa periferia é vista como uma massa bárbara que tem de ser domada à base do laço e do tiro, para que, assim, os poderosos, que estão no centro, possam desfrutar das belas vicissitudes da vida, alheios ao fato de que a erva mate não é colhida em jardins. Donato ressalta, como demonstrado nessa seção,

que a diferença entre a cidade e o erval é que o erval é quase que excêntrico, diante da postura branca e correta da cidade.

Numa dialética entre centro e periferia

O problema da apresentação feita até agora, é que as coisas não são tão didáticas e tão bem estruturadas dentro da obra. Há que se ler e reler várias vezes para se dar conta de que existem níveis de poder que se imbricam e se repelem criando um ambiente de conflitos e tensões. Centro e periferia estão em uma relação muito mais complexa do que a simples distinção entre um e outro. Por mais que, até agora, o que exista seja uma exposição maniqueísta de heróis e vilões, o que esse artigo pretende é observar a região abissal do universo ervateiro. Para tanto, são importantes algumas considerações teóricas para pensar a relação entre centro e periferia, sem a qual esse artigo perderia toda sua relevância, caindo em uma discussão dicotômica e pueril.

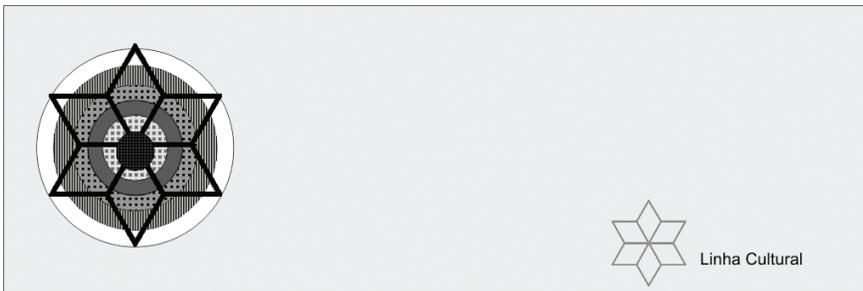
Mas em que sentido há essa complexidade? Observando a obra de Ricardo Piglia (1991), “Memória y tradición”, ele fala sobre a relação de tradução da cultura alheia, da relação em que uma determinada cultura se vale do que outra lhe mostra de novo para apropriar-se desta e assim usá-la como for mais conveniente. Comentando Pierre Menard, ele diz:

[...] se Lee fuera de contexto, se anula la existencia del contexto doble, se recorta, se fragmenta, se cita mal, se tergiversa, se plagia. En esa operacion se pierde el original: esta siempre ahi pero se lo há olvidado (se hace de cuenta que se lo há olvidado). La tradición nacional es una lectura amnésica (Piglia 1991:62).

A temática na qual está inserida essa consideração de Piglia (1991) relaciona-se à literatura, mas o contexto no qual essa discussão anda está relacionado a uma problemática cultural, a questão do contato entre culturas distintas. Dessa forma, observa-se uma cultura que se pretende civilizada e que está em uma área central, as grandes cidades; em contrapartida, outra que se localiza cada vez mais à margem, conforme o poder que cada um possui.

Diante dessa alteração da qual fala o autor de “memória y tradición”, a cultura que emana do centro acaba por perder o *status* de originalidade. Transforma-se, se fragmenta, se ressignifica diante da postura de cada uma das pessoas do rancho. Essa perspectiva pode ser observada através do uso diverso das coisas repassadas. Deste modo, o círculo acima apresentado pode ser exposto de outra maneira:

Figura 2



Essa linha cultural demonstra que se torna impossível delimitar o seu sentido. A cultura pode brotar no centro e espalhar-se pelas margens, como também é possível que ela atinja as margens, sofra os efeitos do contato com esta e retorne ao centro modificada e modificando, podendo assim agir também na cultura central. Nesse sentido, é que a originalidade se torna insignificante. É importante considerar que antes dessa modificação da cultura marginal, desencadeada pelo contato com os produtos provindo do centro, há que se ter consciência de que a margem também possui uma cultura que interpreta esse produto do centro, vinda de uma local distante e muitas vezes desconhecido.

Um caso interessante de ser observado nesse sentido é o que foi apresentado pelo antropólogo Marshal Shalins (2003), em *Ilhas de história*. Nessa obra ele observa como a cultura havaiana reagiu ao contato com os ingleses, quando esses chegaram à ilha do Haváí. Esse contato materializou a figura de um deus havaiano na pessoa do capitão inglês Cook, que começou a ser venerado em sua materialidade. Todo esse processo alteou a estrutura

na qual se encontravam os havaianos, por conta de que a cultura desse povo o impeliu a uma determinada interpretação do acontecimento, que acabou por modificar estruturalmente a forma de vida deles, assim como interferia na forma de vida dos ingleses.

Para pensar essa recepção e ressignificação do que é do outro, pode-se tomar o caso de Luisão. Ele era um ex-ervateiro que conseguiu sair do mundo do mate para lutar por sua classe. Observa-se várias formas de resistências no erval que são relacionadas com a língua, o guarani, com a fuga, com datas comemorativas, com a Semana Santa, mas são duas as formas de resistência que têm uma força mais efetiva: os *changa-ys*, considerados ladrões de erva mate, pois a exploravam nas terras concedidas à Companhia, e a política, cujo símbolo da luta era Luisão. Mesmo lutando de forma diferente, os *changa-ys* e o Luisão se comunicavam, visto que eram companheiros, mas cada um resolveu se opor de uma maneira:

Luisão trás notícias. Para chegar até elas envolveu-se na política, envelheceu de depressa, amargou ódios, fêz vida de fugitivo. Agora tem as notícias. Reuniu os amigos, essa noite, para gritar-lhes as boas notícias. Arrasta o Osório para o meio dos outros (Donato 1959:114).

O Osório continuou a fazer o que sabia, trabalhar com a erva, mas de uma maneira ilícita aos olhos da lei, já que a Companhia tinha o direito legal de explorar os ervais. Pensando dessa forma, os *changa-ys* continuaram atuando dentro de sua formação de margem, dentro de sua própria cultura. Em contrapartida, Luisão se valeu do que a Companhia trouxe:

Disseram (a Companhia) ao governo que o grande lucro do Estado e do povo apareceria em estradas, povoados, portos, escolas, vinda de muita gente para este ôco de mundo. Bom, não se vai negar que tudo isso aconteceu mesmo (Donato 1959:115).

O que este trecho deixa ver é que não havia nada além da selva, antes da Companhia pôr seus pés no chão de Mato Grosso. Inclusive, isso fica muito claro quando Luisão chama o Estado de “oco de mundo”. O termo oco significa vazio, ou seja, não tinha nada na região. É diante dessas inovações que Luisão pôde ter contato com a questão política, se não fosse a Companhia ter vindo à região, provavelmente continuaria explorando erva por conta e vendendo, mas como a Companhia o impediu de fazer isso ele se valeu de um elemento que foi trazido pela própria empresa para lutar contra ela, a política. Não é interesse deste trabalho discutir aqui o valor cultural da política, mas, sim, o fato de que é um elemento trazido de fora e readaptado para um novo fim. A Companhia utilizava a política para conseguir a concessão de terras para explorar os ervais, Luisão a utiliza para lutar contra a empresa. Nota-se uma subversão da política.

Nesse sentido é que se mostra complexa a relação entre centro e periferia e que podemos trazer as considerações de Píglia (1991) a respeito de uma leitura fora de contexto, pois a política foi lida fora do contexto da Companhia. Nesse mesmo sentido, é como se fosse criado um *para*, um espaço ao lado para o seu funcionamento. A política do centro é parodiada pelos ervateiros, é uma espécie de “paródia séria”, ou seja, há uma coisa existente a partir da qual outra é criada paralelamente. Essa paródia séria é dar existência a outro universo, como defende Giorgio Agambem (2007:38-47).

Agambem, em seu texto *Profanações*, fala sobre os problemas do capitalismo e propõe a profanação dos produtos produzidos por ele. Pensando nessa linha de raciocínio, a política é utilizada em prol do capitalismo. É para potencializar os ganhos que ela entra em cena. Em contrapartida, e diante desse algo existente, Luisão propõe um novo uso, isso cria outro espaço, que já não é o mesmo que o anterior, e que ao mesmo tempo não pode ser identificado como devedor desse primeiro. Portanto, a política que, de início, é utilizada para satisfazer os prazeres consumistas do centro, é subvertido e utilizado como arma para lutar contra esse poder central.

Para concluir, vale considerar que este âmbito político, apresentado como elemento original e descontextualizado, é apenas mote para considerar

mais uma série de fatores neste mesmo processo, como a própria religião, de um cristianismo ressignificado, ou melhor se diria, subvertido. Ou seja, *Selva trágica* oferece um amplo campo de investigação às fluências culturais que se manifestam nas linhas que se formam entre margem e centro, significando, ressignificando e criando uma espécie de mosaico cultural.

Referência bibliográfica

AGAMBEN, Giorgio. 2007. *Profanações*. Tradução Selvino José Assman. São Paulo: Boitempo.

AGUIAR, Flavio; VASCONCELOS, Sandra Guardini. 2004. O conceito de transculturação na obra de Ángel Rama. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. São Paulo: Boitempo.

CARVALHAL, Tânia. 2003. Fronteiras da crítica e crítica das fronteiras. In: — *O próprio e o alheio: Ensaios de Literatura comparada*. São Leopoldo (RS): Unisinos, p. 153-183.

DONATO, Hernâni. 1995. *Selva trágica: a geste ervateira no suestematogrossense*. São Paulo: Autores Reunidos.

FOUCAULT, Michel. 1979. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. 2002. *Literatura e poder em Mato Grosso*. Brasília: MIN; Universidade Federal de Mato Grosso.

PIGLIA, Ricardo. 1991. Memoria y tradición. In: *Anais do 2º Congresso Abralic*. Belo Horizonte: Fale/UFMG, v.1, p. 60-66.

SAHLINS, Marshall. 2003. *Ilha de História*. Tradução de Bárbara Sette. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.